

Ramaphosa condena aumento de feminicídios no país

Notícias; Internacional, 16.06.2020; Pág. 24; Ed. 31.013

O ASSASSINATO de duas mulheres em menos de uma semana reacendeu na África do Sul o debate sobre violência de género.

O Presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa, condenou ontem o aumento de feminicídios no país, que segundo a Polícia dispararam com o aliviar das medidas de confinamento

decretadas devido à Covid-19, classificando-os como “actos desumanos”.

“Fiquei profundamente perturbado com o recrudescimento dos homicídios de jovens mulheres por homens nos últimos dias”, escreveu o Presidente Ramaphosa na sua comunicação semanal.

Uma mulher grávida de oito meses foi morta e o corpo

encontrado esfaqueado e pendurado numa árvore há uma semana, em Roodepoort, um subúrbio ocidental de Joanesburgo.

Alguns dias depois, na sexta-feira, o corpo de outra jovem mulher foi encontrado enterrado debaixo de uma árvore no Soweto.

A Polícia relatou vários outros casos de feminicídio em

todo o país nos últimos dias.

“Esta é uma semana negra e vergonhosa para nós, enquanto nação”, disse o Chefe de Estado.

“Constatamos com repulsa que, numa altura em que o país enfrenta a ameaça mais grave do novo coronavírus, homens violentos aproveitam-se da flexibilização das restrições para atacar mulheres e crian-

ças”, acrescentou.

A África do Sul tem uma das mais elevadas taxas de violência de género em todo o mundo, com uma mulher assassinada no país a cada três horas, de acordo com as estatísticas policiais, uma taxa cinco vezes mais elevada do que a média mundial.

Em mais de metade dos casos (51%), as mulheres são

mortas por homens com quem mantinham relações próximas.

A organização não-governamental sul-africana Centro para o Estudo da Violência e Reconciliação (CSVR, na sigla em inglês) disse esta a semana que o Presidente Ramaphosa deveria lidar com a violência de género da mesma maneira como respondeu à crise da Covid-19. - (LUSA)